

Temos e não sabemos algumas reflexões para um país sustentável

A nossa posição geográfica desde sempre condicionou o nosso território como um lugar onde se vai porque se quer, e não um lugar de passagem. Fomos o local do terminus da longa caminhada do Homo Sapiens, e todas as civilizações que aqui chegaram sempre incorporaram esta noção de fim de percurso. Os romanos, os árabes, e a própria fundação da Nação assentam neste paradigma profundo. A exceção foi o período da nossa Expansão Marítima, corolário de um período em que, justamente nos tornámos local de passagem, de negociação e de trocas. Portugal, que já estava nas rotas marítimas de comércio do sul com o norte da Europa, tinha uma unidade política forte, reunira um conhecimento náutico que lhe permitia aventurar-se. E isto deve fazer-nos pensar na importância de nos abirmos ao mundo.

No entanto, uma forte presença do poder Real e da Igreja (frequentemente sob a tutela da coroa), desde sempre condicionaram a nossa aventura marítima, algo que, de uma ou outra forma, chegou até aos nossos dias. O Estado centralizou os negócios, expulsou os que se opunham, nomeadamente os judeus, e instituiu uma Inquisição que iria durar quase três séculos.

Foram oportunidades perdidas que assentaram numa anulação da sociedade civil, algo que ressoa até hoje e condiciona o nosso desenvolvimento. O fracasso da 1ª República deve-se em grande medida à ausência desta mesma sociedade civil, o que abriria o caminho a 48 anos de ditadura. Quando em 74 conquistámos a Democracia, não estávamos preparados para absorver as mudanças radicais do fim do século XX: a entrada na União Europeia, a revolução tecnológica, a queda do muro de Berlim e com ela a queda de sistemas alternativos de organização social, a globalização baseada numa hiper-informação e hiper-mobilidade, um capitalismo omnipresente e um consumismo sem travões.

Simplesmente não conseguimos melhor... Mas, enquanto na maioria dos países mais desenvolvidos estas mudanças foram suportadas por décadas de uma cultura reflexiva, de cidadania activa, e por fortes hábitos culturais, a nós faltou-nos a distância crítica perante este admirável mundo novo. Não obstante os progressos notáveis no campo das infra-estruturas sociais e consequente melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, ficou por fazer uma mudança ao nível das competências individuais e dos comportamentos sociais, estes, fortemente enraizados em lóbis, grupos de interesse, corporações e direitos adquiridos, tudo isto sinais do medo de existirmos como cidadãos independentes. Esta é a pior herança que transportamos do nosso passado histórico e cuja transformação devemos hoje, corajosamente, enfrentar.

O Homem diferencia-se, em relação aos outros animais, pela transcendência da sobrevivência, e por um sistema reflexivo onde a construção civilizacional está no centro. A Cultura é um desígnio e uma matriz identitária.

Algo que, historicamente, nos conduziu ao conceito democracia, e hoje, de serviço público, de valores de solidariedade, de inclusão. E é bom não esquecermos estes mesmos valores, agora, que estamos em tempos de crise. Apenas guiados por uma visão abrangente, solidária, combatente e criativa, conseguiremos sair deste atoleiro, onde nos levaram os que um dia perderam estes valores, se entregaram ao lucro desmedido, sem qualquer ética, sem qualquer limite do razoável, longe de um pensamento reflexivo e de uma visão inclusiva do outro. Neste contexto de gigantescas dúvidas e inevitável refundação da própria matriz social, os valores da cultura aproximam-nos, elevam-nos, ajudam-nos a cruzar as nossas diferenças e a encontrar soluções. São a cola de que necessitamos num mundo fracturante.

Mas a Cultura é igualmente um catalisador das potencialidades humanas. Cultura como fermento que eleva o horizonte de cada um e que, em articulação com a educação, agiliza o pensamento. De facto, numa sociedade de conhecimento, a cultura é um gigantesco factor de qualificação e competitividade – nos complexos sistemas de economia global, só os que conseguem descodificá-los é que usarão as oportunidades que eles lhe oferecem em seu proveito.

No entanto, este discurso não pode ser redutor ao ponto de colocar a cultura apenas ao serviço da economia, obviamente do desenvolvimento, mas também, e finalmente, do lucro.

Já não conseguimos mais ouvir falar de choque tecnológico! Imaginamos de imediato computadores alegremente oferecidos às criancinhas, como solução milagrosa para a qualificação e competitividade. Nada de mais errado. Somos de facto, e desde há anos, grandes utilizadores de tecnologia, nomeadamente a Internet – mas somos dos mais limitados da Europa. Temos acesso à informação, mas somos incapazes de seleccionar essa mesma informação.

Esta iliteracia começa na escola: lemos mas não entendemos, da mesma forma que não somos capazes de resolver problemas matemáticos. Simplesmente não os deciframos pois, tal como David Justino nos diz, *mais do que aprender a fazer, as aprendizagens têm de orientar-se para o aprender a pensar*. Nas complexas sociedades em que vivemos, só os que conseguem entender os fenómenos e seleccionar a sua essência, só esses saberão navegar a onda sem serem engolidos na voragem da sua espuma, posicionando-se sim, elegantemente, na crista da mesma e, com a técnica e criatividade de um bom surfista, poderão decidir para que lado a navegam, desfrutando na plenitude da sua pujança. O choque tecnológico está na qualificação do utilizador e não na distribuição da ferramenta. A máquina mais perfeita e complexa é a nossa mente e a sua leveza, tal como Italo Calvino nos lembra, evocando o salto ágil do poeta Cavalcanti (no *Decameron*) que saltando por cima dos túmulos de pedra consegue facilmente escapar aos ladrões. *“Os tímulos são a vossa casa e não a minha, dado que quem se eleva à contemplação universal através da especulação do intelecto, vence a morte corporal”*

Isto está completamente por entender no nosso pequeno país. Na realidade, num mundo

tão vasto, global e competitivo só pela diferença, singularidade e qualidade nos podemos afirmar e, conseqüentemente, gerar riqueza e bem-estar.

E por isso...O papel da educação, da cultura e da ciência, é axial numa profunda mudança que se exige. E apesar de não ser um especialista, gostava de tecer algumas considerações sobre o papel do ensino, como pai de filhos no ensino publico e cidadão atento.

Temos um ensino totalmente desvinculado da realidade onde os jovens não entendem o papel da escola no seu futuro. Um ensino baseado numa lógica de controle e não de auto responsabilização, obcecado em impor conteúdos e depois controlar os tempos livres. Conteúdos a mais e pouco interessantes: sem ancoragem emocional não há aprendizagem possível. É urgente um ensino mais próximo da prática, que estimule o aprender fazendo e não apenas o decorar desses conteúdos. É claro que o ponto de partida para qualquer acto educativo deve, e tem que ser, uma sólida aquisição de conhecimentos, mas para que tal seja efectivo, as estratégias têm de ser outras, baseadas na curiosidade, e onde o acto de aprender deve ser uma aventura. É justamente este sistema motivacional que permite a aquisição de rotinas e é o ponto de partida para um ensino exigente, com resultados ambiciosos e onde se exija às crianças e aos jovens que trabalhem. E muito. E que tenham também os seus tempos livres, não numa óptica de controlo mas de escolha. As nossas crianças passam demasiado tempo dentro de escolas de que não gostam. Há demasiados alunos por turma, o que condiciona tremendamente a qualidade do ensino. Os professores passam grande parte do tempo a gerir conflitos, num ambiente totalmente dissociado da intimidade do acto de aprender. E isto num país que tem um dos maiores rácios de professor por alunos, algo que devemos corajosamente confrontar, para mais em tempos de crise. Acredito plenamente que é urgente colocar nas salas de aula, por exemplo como professores de apoio, muitos destes professores sem horário lectivo, bem como contratar outros, que trariam sangue novo ao sistema.. Desta forma o Estado cumpriria o seu desígnio no acto educativo, apoiando os mais frágeis e estimulando os mais aptos: a almofada social é tão importante como a formação das elites do futuro, e para tal necessitamos, por exemplo, no ensino básico, de salas de aula a duas velocidades. É essencial implementar desde muito cedo a ideia de trabalho em equipa e de estratégias colaborativas onde todos tendem a ganhar, verdadeiras experiências de cidadania em contexto escolar e um exemplo para o futuro, tema fulcral num país que necessita urgentemente das estruturas privadas e associativas para se desenvolver.

A própria Comunidade Europeia ao exigir critérios de colaboração e partilha, como condições de acesso aos fundos comunitários, põe o dedo na ferida. Obriga-nos a estabelecer pontes, parcerias e a privilegiar as estas relações de colaboração. Nada de mais lógico, sobretudo no momento actual em que temos de dar as mãos para sobreviver. Isto significa trabalhar em rede, abandonar o bairrismo e a tentação constante do chauvinismo local, e perceber que dois pobres juntos ficam menos pobres, e que os homens sempre se transcendem quando se juntam.

Sobretudo, é fundamental que se pense de uma forma holística a educação, a cultura, e também a ciência, como os pilares onde assenta o modelo de país que queremos, algo que a

nossa classe política tem sido incapaz de fazer. A sociedade civil tem que fazer pressão sobre os partidos políticos para que se entendam num pacto de Regime geracional. Todos têm culpas num sistema que, ao fim de quase 40 anos continua a ter aulas com 30 alunos!...

Este é o momento de tudo repensar. Provavelmente a última hipótese de nos concentrarmos naquilo que verdadeiramente é importante. E num mundo onde a maioria dos políticos, desde há várias gerações, se afastou do pensamento crítico e da reflexão filosófica, este é o momento de começar a inverter o paradigma. Precisamos de conteúdos e não de mais obra construída. (olhem para o absurdo betão da Parque Escolar, supostamente em nome da educação, já para não falar de auto-estradas, e de 3 faixas(!), construídas na periferia da rede viária, autênticos crimes ambientais ou outros, mais dissimulados, e de colarinho branco).

Precisamos de coragem individual e espíritos empreendedores. É possível e urgente pôr o país a funcionar não se subjugando ao gosto duvidoso e redutor que hoje impera: um *mainstream* avassalador que fragmenta as famílias em sexos e idades, impondo o consumo acrítico. O futebol para os homens (desafios na TV, debates na TV e no dia seguinte o consumo de mais futebol nos jornais desportivos). Para as mulheres, telenovelas sucessivas, programas de celebridades e revistas de coração. Tudo isto enquanto os filhos navegam sem controlo na Internet ou consomem horas nos seus quartos a jogar no computador. Neste admirável mundo familiar em que à refeição ainda há tempo para “encaixar” mais um concurso televisivo vendendo um qualquer sonho improvável, a família finalmente reúne-se ao fim de semana, na grande aventura de ir ao shopping!...

É neste contexto que o trabalho dos educadores e agentes culturais se insere. Numa contracorrente, num território de resistência e defesa do que é individual, do autêntico e do acordar da letargia.

Em França, desde há muitos anos que se vendem mais bilhetes para o teatro do que para o futebol. Em Munique, por exemplo, há 30.000 bilhetes disponíveis para o teatro em cada noite, criando uma competição saudável entre conteúdos de programação dentro da mesma metrópole. A preocupação dos responsáveis e directores do teatro é ainda acrescida ao fim de semana, pois têm de competir com o futebol, pois a Allianz Arena, leva cerca de 60.000 espectadores. No fundo, é este o horizonte saudável da cultura. Saber que aquele que vai ao estádio também vai ao teatro...

É plenamente possível ter projectos exigentes e catalisadores. É plenamente possível elevar o nível de exigência construindo públicos novos e fomentando o entusiasmo pela arte e pela cultura. Claro que é possível! Mas ninguém disse que era fácil...

É essencial começar a olhar para Portugal como um território de oportunidades e acreditar no seu potencial. A cultura, como factor de conhecimento, eleva a autoestima e pode ser um importante catalisador social.

Temos muito mais do que pensamos...TEMOS E NÃO SABEMOS!
Temos uma diversidade ambiental única, abençoada por um clima generoso, e que é uma

riqueza incomparável neste Continente Europeu normalizado.(entre as quais a maior linha de costa selvagem do sul da Europa) A sociedade civil deve urgentemente mobilizar-se para impedir mais construção desenfreada, verdadeiros crimes ambientais nessa mesma linha de costa. Temos uma posição estratégica invejável, num mundo global assente na hiper-mobilidade, Portugal não é mais um país periférico, mas sim um território na charneira entre 3 continentes.(a primeira vez que ouvi isto foi da boca de um homem da aviação, o presidente da TAP, um brasileiro). Não sendo um especialista, parece-me ser do senso comum considerar um absurdo nacionalizar a TAP ou a ANA e, se ainda existe algum tipo investimento estratégico, que seja num novo aeroporto. Temos relações de fraternidade lusófonas, pontes ideais para o negócio Temos um mar e uma extensa zona de exclusão marítima, que nos oferecem recursos invejáveis. Temos uma enorme diáspora, laboriosa e generosa, que continua regularmente a enviar as suas poupanças para o país. Até temos ídolos de futebol, estádios, e um clima abençoado que nos permitiriam atrair todo um mundo que circula à volta deste desporto com toda a prosperidade que isso implica e, ao invés, vamos fechando esses estádios que a cada dia se degradam. Temos uma luz fantástica de país do Sul e um elevado knowhow de técnica de cinema o que possibilitaria um forte cluster deste sector. Temos um importante e vibrante tecido tecnológico que nos permite conquistar posição numa sociedade de conhecimento global. Mas, sobretudo, temos um potencial humano formidável e criativo. Um potencial de futuro confirmado por um legado histórico invejável. Temos e não sabemos...E para que este saber seja árvore e dê fruto, tem de ter raízes em solo fértil.

É justamente na valorização deste potencial humano que o ensino e a cultura profundamente actuam.Na aquisição de conhecimentos, mas também: Na assertividade do cidadão e no estimular da iniciativa. Na apetência pelos valores da cidadania e pela coragem civil. Na capacidade de argumentação, na escuta activa e no respeito pelo outro. Na capacidade de antecipação dos problemas, chave de qualquer boa gestão, bem como na eficaz solução dos mesmos. E, em geral, na descodificação da complexidade de uma sociedade, onde a economia é, cada vez mais, uma teia inteligente. As modernas sociedades globais só criam riqueza para os que as conseguem descodificar e agarrar as oportunidades que estas lhes oferecem

O caminho parece-me claro: uma mobilização geracional onde a educação e a cultura sejam as locomotivas da mudança! Justamente, é aqui que reside o grande problema... É que, enquanto estas não se constituírem como pilares do discurso político do Estado, a par da Economia, isto continuará a perpetuar o nosso atraso endémico. Este foi o enorme erro político de acabar com o Ministério da Cultura...

Acredito que, entre todos nós cidadãos, e no modus operandi das nossas vidas, há um questionamento a fazer, em particular ao nível da solidariedade e na forma isolada como actuamos. Sem partilha de recursos de muitas das nossas instituições e sem estratégias de colaboração que necessariamente ultrapassem as idiossincrasias de cada um, muitos não irão sobreviver num futuro próximo, um enorme exercício de maturidade e inteligência, se tivermos em conta os cada vez mais poucos recursos pelos quais somos impelidos a competir ... Há um provérbio cubano que diz "por diñero no te preocupes porque diñero no hay"... e é perante a crueza e simplicidade de tal enunciado que nos teremos que reinventar. Também aqui, nos damos conta de que não existe,em geral, uma

verdadeira sociedade civil, (inspiremo-nos por exemplo, no ambiente, onde um laborioso percurso de consciencialização, debate social e protesto, legitimado por dados científicos, já proporcionou importantes conquistas ambientais.)

Hoje, e mais do que nunca, é essencial um compromisso estratégico entre todas as partes, e uma forte sociedade civil. A capacidade de cada um mobilizar o melhor dos seus recursos é a melhor resposta perante as adversidades, numa praxis onde cada um , ao questionar-se, reencontra e fortalece a sua matriz original. Sacudir o desespero e reinventar o entusiasmo, tornando os objectivos independentes de regras, burocracias, ou entraves administrativos.

Termino como comecei. De facto, o mundo girou depressa demais para o podermos entender e agora, para nós, a única solução é mesmo tentar compreender o passado para poder repensar os modelos de futuro. Um processo de mudança que, enraizado na reflexão, na cultura, no saber, e numa sociedade civil emancipada, nos abra as portas de um futuro desde há muito adiado.

Rui Horta